

Julho
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

No contexto internacional, a tensão dos investidores em relação à disputa comercial envolvendo os EUA e a China se manteve ao longo do mês de julho, com o início da aplicação de tarifas e novas ameaças de caráter protecionista. Como as expectativas do mercado já haviam sido precificadas e posto que iniciou-se, no referido mês, uma temporada de divulgação de resultados corporativos trimestrais, mesmo em meio ao cenário internacional conturbado os mercados de ações apresentarem uma leve recuperação. Ainda assim, a preocupação com investimentos futuros é evidente, dado que o aumento de tarifas pode limitar o volume de transações entre as duas potências. Com a possibilidade de uma menor demanda por bens e serviços em virtude do maior preço provocado pelas tarifas, os estoques aumentariam, forçando uma redução da produção nos países. Essa dinâmica pode ser reforçada pela previsão de redução da taxa de crescimento do PIB global divulgada pelo FMI.

As incertezas quanto ao comércio internacional ainda não afetaram negativamente a economia norte-americana que apresenta resultados sólidos e mostra forte tendência de crescimento. Em julho, a taxa de desemprego nos EUA foi de 3,9%, uma redução de 0,1% em relação a junho. A média salarial por hora trabalhada aumentou em US\$ 0,07, totalizando US\$ 27,05. A inflação mensal norte-americana permanece estável mesmo com o aumento do nível de emprego e de renda do país, registrando em julho um aumento de 0,2% frente a junho. Já na comparação anual, é possível notar uma consistente tendência de alta da inflação. Em julho, a variação anual foi de 2,9%, o maior nível registrado no ano. Como a inflação continua sob controle, ainda que apresente tendência de alta, o Fed manteve a taxa de juros inalterada em 2%. O déficit da balança comercial dos EUA aumentou de US\$ 43,1 bilhões em maio para US\$ 46,3 bilhões em junho, o que pode indicar maior nível de transações comerciais feitas por empresas que se preparam para um possível aumento dos preços de produtos importados dada a aplicação de tarifas alfandegárias pelo governo Trump.

Na União Europeia, houve um avanço nas negociações sobre a aplicação de novas tarifas. O acordo firmado entre os EUA e o bloco econômico zerou todas as barreiras comerciais, com exceção dos automóveis. Esse compromisso favorece o comércio entre as partes, estimulando um maior aporte de investimentos nas principais bolsas do continente. Por outro lado, o Brexit continua gerando incerteza. As divergências são em relação à forma que ocorrerá a saída do Reino Unido, podendo ser suave ou dura. O Brexit suave favoreceria o livre comércio, mantendo a tarifa externa comum e a livre circulação de mercadorias. Já a saída dura indicaria um maior isolamento do Reino Unido, podendo desestimular investimentos na indústria local.

A economia do bloco europeu apresenta sinais positivos, mas que seguem relativamente fracos. A taxa de desemprego mantém trajetória de queda e passou de 8,5% em maio para 8,4% em junho. A melhora no mercado de trabalho europeu impactou levemente a inflação do bloco, que chegou a 2,1% no acumulado até o mês de julho contra 2,0% no mês anterior. O Banco Central Europeu manteve a taxa de juros do bloco em 0%, uma vez que a entidade acredita que a inflação permanece sob controle. A balança comercial e o PMI trazem resultados positivos: em junho, a Zona do Euro registrou um superávit de € 22,5 bilhões e, em julho, o PMI da região marcou 55,1 pontos. Ambos indicadores apresentaram resultados melhores que no mês anterior e fortalecem a perspectiva de crescimento do bloco.

No Brasil, no que diz respeito a atividade econômica, observa-se uma recuperação dos indicadores após a greve dos caminhoneiros. Já em relação ao cenário interno, o quadro eleitoral segue pautando as expectativas do mercado. À medida que as eleições se aproximam, novas expectativas podem ser criadas de acordo com a agenda econômica de cada candidato. Portanto, apesar da retomada da atividade econômica em julho, a tendência é de uma maior cautela entre os investidores no mercado doméstico durante esse período que antecede as eleições de outubro.

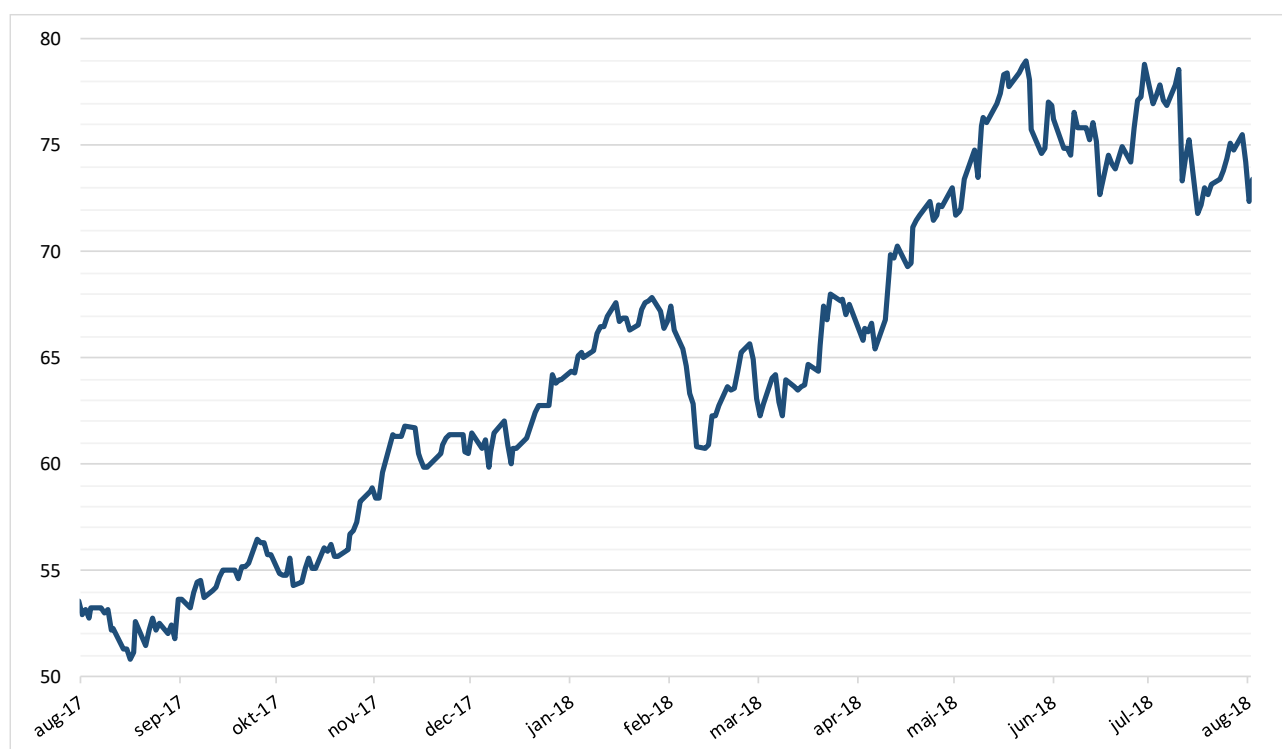
Na Bovespa, o índice saltou de 72 mil para 80 mil pontos, recuperando parte das perdas do período posterior à paralisação dos caminhoneiros. As expectativas para a taxa de crescimento do PIB, no entanto, tiveram uma leve queda, de 1,55% para 1,50%, de acordo com o Relatório de Mercado Focus do Banco Central. Essa preferência por investimentos na bolsa de valores indica uma maior entrada e oferta de dólar no mercado doméstico, provocando uma redução da taxa de câmbio. Durante o mês de julho, foi possível notar o dólar convergindo com as expectativas do mercado, que se mantiveram em R\$3,70. A taxa observada começou o mês em R\$3,91 e terminou em R\$3,75, atingindo o ponto mínimo de R\$3,68 nesse período.

Com o dólar caindo, a preocupação com um possível aumento da inflação causado pelos preços internacionais passou a ser menor. Como esperado, o índice de preços voltou a cair após o choque de oferta provocado pela greve dos caminhoneiros. O IPCA mensal de julho foi 0,33%, um valor muito abaixo do 1,26% calculado no mês anterior. Apesar do grupo *Alimentação e bebidas* demonstrar uma pequena deflação, outros grupos como *Transportes*, *Artigos de residência* e *Habitação* continuaram puxando o índice geral para cima. Nesse contexto, a Selic continua estável em 6,50%, dada a preocupação do Banco Central com o baixo crescimento do PIB enfatizada na última ata do Copom, reforçando a expectativa de um aumento da taxa básica de juros apenas no início de 2019.

2 - Preços

No mês de julho, houve uma queda no preço do barril de petróleo, que passou de US\$ 76,98 para US\$ 74,21. A máxima do mês foi observada na segunda semana, quando o Brent estava cotado em US\$ 78,62. Uma semana depois, tivemos a cotação atingindo US\$ 71,82, o menor valor de fechamento nas sessões de julho. Essa forte queda em menos de uma semana foi motivada, em especial, pelo agravamento do conflito comercial envolvendo os EUA e a China, e pelo anúncio de que os EUA e a Rússia estariam dispostos a trabalhar em conjunto para regular o preço do barril. Outro destaque que favoreceu a pressão nos preços do petróleo foi a retomada das exportações na Líbia, aumentando a oferta global da *commodity*. Por outro lado, o mercado segue atento às dificuldades de fornecimento na Venezuela e no Irã, que, assim como a mudança na logística de escoamento da Arábia Saudita, ajudaram a manter o preço em níveis mais altos.

Gráfico 1 – Preço do Brent (USD)

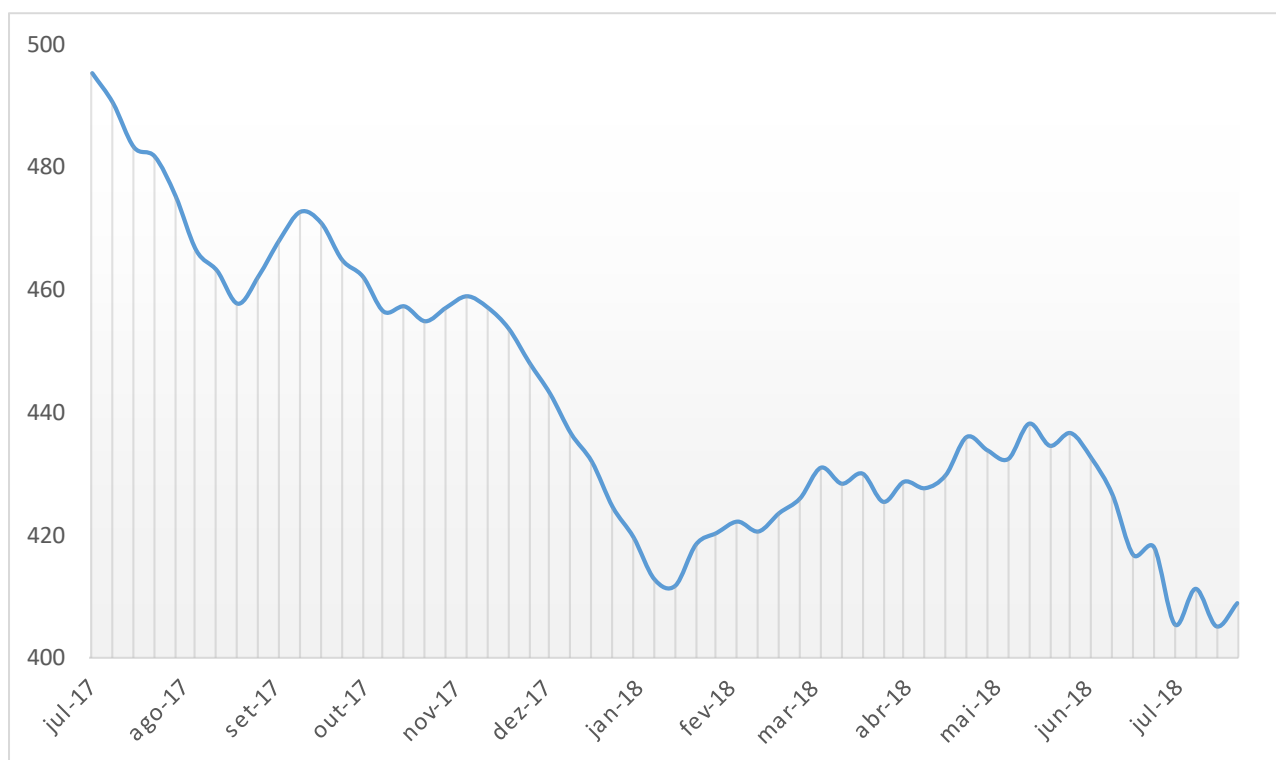


Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

De acordo com a *Energy Information Administration* (EIA), a projeção do preço médio do Brent para 2018 está em US\$ 71,80, enquanto para 2019 calcula-se uma projeção de US\$ 68,74. Olhando apenas para o ano atual, podemos ver que no segundo trimestre, o preço médio do barril foi US\$ 74,53. Em relação aos próximos meses, há uma projeção média de US\$ 74,03 para o terceiro trimestre e de US\$ 71,69 para o quarto trimestre. Ou seja, há uma tendência de queda do preço durante o ano, que deve permanecer em 2019.

Em relação aos estoques de petróleo bruto e outros líquidos nos países membros da OCDE, podemos observar uma pequena redução nas expectativas para 2018, enquanto para 2019 houve um aumento. Em julho, o valor calculado pela EIA foi de 2,84 bilhões de barris para o ano corrente e de 2,98 bilhões de barris para o próximo ano. Nos EUA, a projeção desse estoque para o final de 2018 é de 1,21 bilhões de barris, e para 2019 é de 1,30 bilhões de barris. No entanto, quando observamos apenas o estoque de petróleo bruto, a projeção é de 415,3 milhões de barris para o ano corrente e 470,4 milhões de barris para o próximo ano. Como podemos ver no gráfico, o estoque de petróleo bruto nos EUA apresenta tendência de queda nos últimos 12 meses, atingindo o ponto mínimo de 405 milhões de barris no mês de julho. Esse movimento é consequência de uma mudança no ponto de equilíbrio entre a oferta e a demanda. Isto é, a queda nos estoques pode ser em razão de uma demanda mais aquecida ou de uma redução na quantidade produzida, com esse segundo ponto sendo um reflexo das expectativas dos empresários.

Gráfico 2 – Estoques de Petróleo nos EUA em MMb*



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do Broadcast em MMb* por semana (milhões de barris)

3 - Demanda

3.1 - Estimativa Relatório OPEP

As projeções para a demanda global por petróleo da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) apontam uma média de 98,85 milhões de barris por dia em 2018. Esse resultado representa 1,65 milhões a mais do que em 2017, que equivale a uma taxa de crescimento de 1,70% na comparação entre os dois anos. Para o terceiro trimestre de 2018, a previsão de demanda total é de 99,42 milhões de barris por dia, um valor maior do que o apresentado no segundo trimestre e menor do que o apresentado no último trimestre do ano. Ou seja, há uma tendência de crescimento da demanda pela *commodity* durante o ano de 2018. Em 2019, as projeções indicam uma continuidade desse movimento, com uma demanda global de 100,30 milhões de barris por dia, representando um crescimento de 1,47% em relação à média de 2018.

Grande parte da demanda mundial é oriunda dos países da América, com destaque para os EUA. O país americano tem uma previsão de demanda na faixa de 20,51 milhões de barris por dia para 2018, aproximadamente um quinto da demanda mundial. Na Ásia, o país que tem a maior demanda é a China, com uma projeção de 12,74 milhões de barris por dia para o mesmo ano. Em relação ao ano de 2019, há uma previsão de aumento na demanda desses dois países, sendo 230 mil barris por dia a mais nos EUA e 360 mil barris por dia a mais na China.

4.2 - Estimativa Relatório EIA

O relatório da Energy Information Administration (EIA) também prevê um aumento no consumo global de combustíveis líquidos, atingindo uma média de 100,20 milhões de barris por dia em 2018. Enquanto nos dois primeiros trimestres do ano o consumo ficou um pouco abaixo de 100 milhões de barris por dia, a previsão para os próximos dois trimestres passou a ser maior do que 100 milhões, impulsionando a média do ano. Para 2019, a projeção do consumo médio é de 101,91 milhões de barris por dia, valor 1,71% maior do que o ano anterior.

Para os países da OCDE, a EIA projeta um consumo de 47,66 milhões de barris por dia em 2018, aumentando para 48,11 milhões no próximo ano. O país com maior participação nesse número são os EUA, responsável por uma previsão de consumo de 20,35 milhões por dia em 2018. Em seguida, temos o consumo dos países da Europa, que respondem por uma previsão de 14,44 milhões de barris por dia em 2018. No grupo dos países que não fazem parte da OCDE, a projeção para 2018 é de 51,29 milhões de barris por dia, sendo a China responsável por 13,72 milhões desse total.

Vale ressaltar, que as estimativas entre a OPEP e a EIA se diferem quanto aos seus parâmetros. Enquanto a primeira indica apenas o consumo do petróleo, a segunda leva em consideração o consumo de todos os combustíveis líquidos, o que explica em parte as divergências entre as estimativas da OPEP e da EIA.

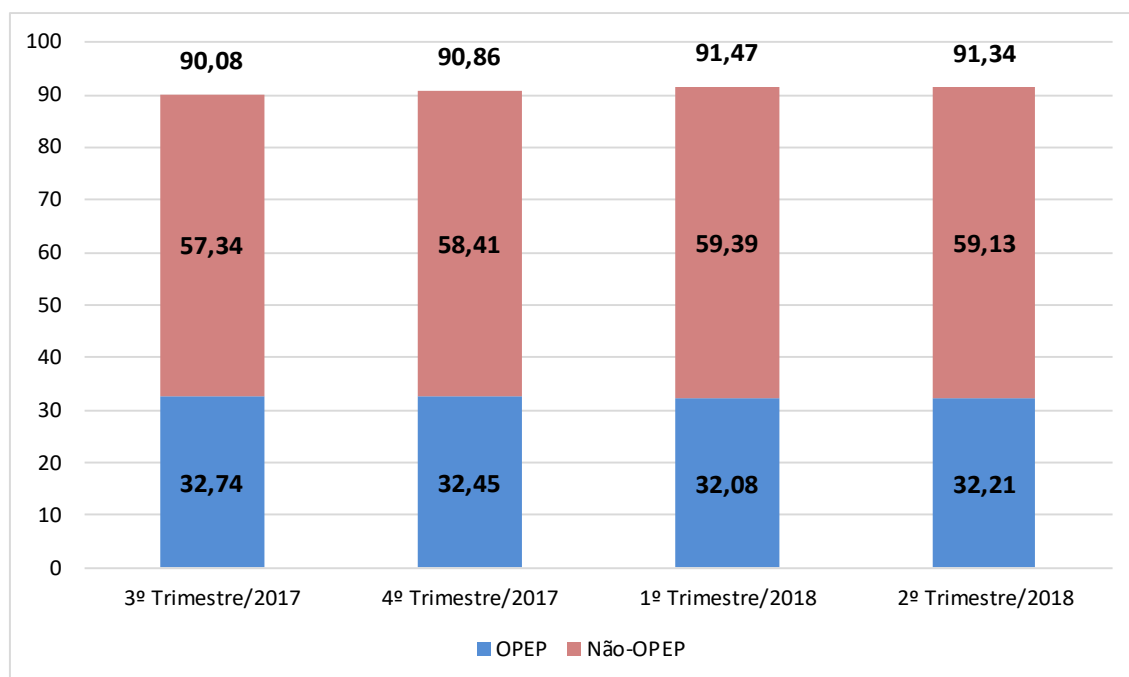
4 – Oferta

4.1 - Estimativa Relatório OPEP

De acordo com o relatório da OPEP, a previsão da oferta de petróleo entre os países que não fazem parte da organização é de 59,54 milhões de barris por dia para 2018. Nesse mesmo grupo de países, a oferta no segundo trimestre de 2018 foi de 59,13 milhões de barris por dia, com projeção de aumento para o terceiro trimestre, passando para 59,69 milhões. Desse total, o país com maior oferta são os EUA, apresentando previsão de 16,06 milhões de barris por dia para 2018, 1,70 milhões a mais do que no ano passado. Em segundo lugar aparece a Rússia, com uma previsão de 11,15 milhões de barris por dia para o mesmo período.

Para os países membros da OPEP são divulgados apenas os resultados da produção nos meses anteriores. Em junho, a produção total foi de 32,33 milhões de barris por dia, 173 mil a mais do que a produção em maio. O grande destaque entre o grupo de países é a Arábia Saudita, que contou com uma produção de 10,42 milhões de barris por dia. Em seguida, aparece o Iraque em segundo lugar, com 4,53 milhões de barris por dia, e o Irã em terceiro, com 3,80 milhões. Na média do segundo trimestre de 2018 a produção de petróleo foi um pouco menor do que em junho, atingindo 32,21 milhões de barris por dia. Somando com a produção do mesmo período nos países não membros da OPEP, podemos calcular um total de 91,34 milhões de barris por dia. No gráfico abaixo, temos a produção calculada nos últimos quatro trimestres.

Gráfico 5 – Produção trimestral (OPEP)



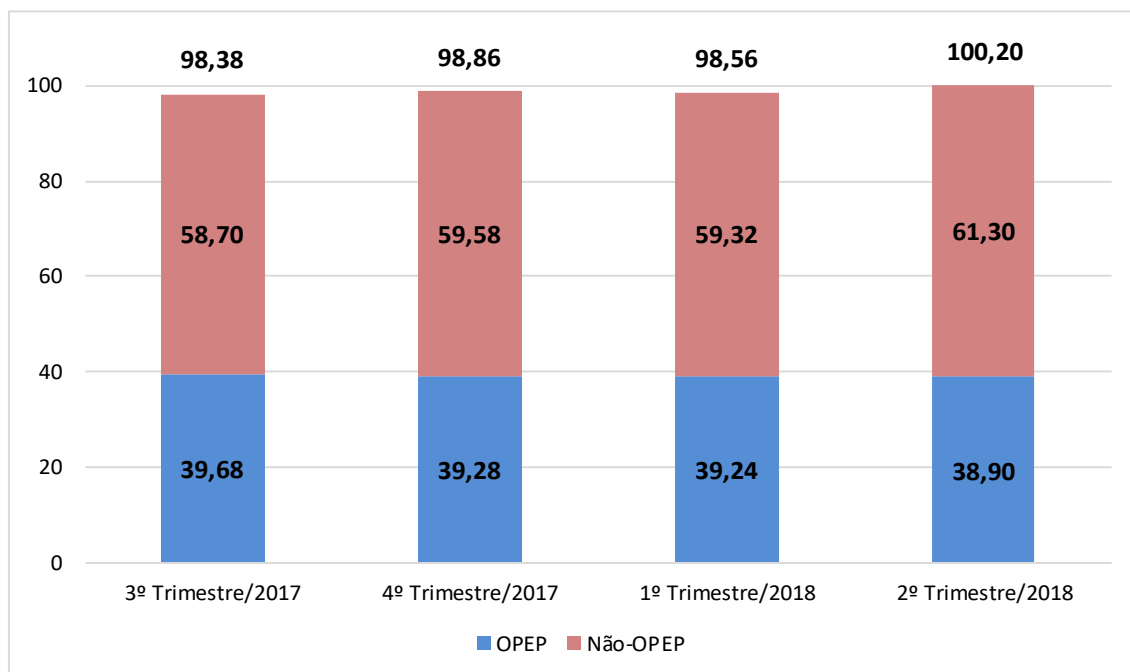
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP

4.2 - Estimativa Relatório EIA

A *Energy Information Administration* (EIA) estima uma oferta de 61,33 milhões de barris por dia em 2018 para os países que não fazem parte da OPEP. A América do Norte é responsável por aproximadamente 41% desse total, com os EUA ofertando 17,70 milhões de barris por dia, 2 milhões a mais do que a média de 2017. Na Eurásia o destaque é a Rússia, apresentando projeção de 11,25 milhões de barris por dia. Por outro lado, a China, um dos maiores consumidores de petróleo do mundo, conta com uma previsão de oferta de 4,78 milhões de barris por dia em 2018. Comparando os trimestres anteriores com as projeções dos próximos trimestres, é possível observar uma tendência de aumento na produção de todos os principais países.

Entre os países membros da OPEP, a Arábia Saudita apresenta a maior produção com 10,22 milhões de barris no último trimestre, seguida do Iraque com 4,49 milhões e do Irã com 3,80 milhões. No entanto, não há uma previsão da oferta dividida por países, apenas uma previsão total dos países pertencentes à organização. Para o final de 2018 esse valor foi projetado em 38,83 milhões de barris por dia, incluindo outros combustíveis líquidos. No caso dos países da OPEP, os trimestres anteriores demonstram uma oferta acima da média anual, com uma previsão de queda na produção para os próximos meses do ano. No gráfico abaixo, temos a produção calculada nos últimos quatro trimestres.

Gráfico 6 – Estimativa de produção anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da EIA

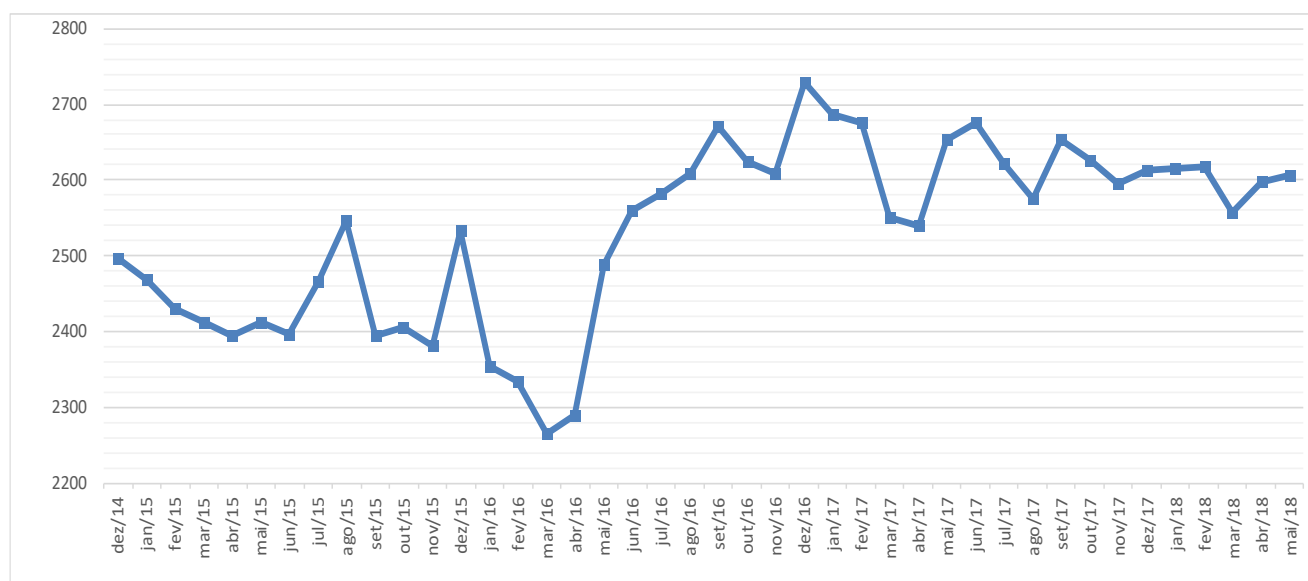
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de maio de 2018 ocorreu em 7.505 poços, sendo 722 marítimos (*offshore*) e 6.783 terrestres (*onshore*). Se comparado ao mês anterior, houve uma diminuição total de 14 poços em operação, com uma redução de 9 poços *onshore* e 5 poços *offshore*. A quantidade de poços marítimos representa pouco mais de 9% do total, ainda assim, 95,7% da produção local têm origem no *offshore*.

A produção nacional em maio registrou uma média de 2.607 MMb/d, o que representa um aumento de, aproximadamente, 0,4% em relação ao mês de abril de 2018. A informação pode ser observada no Gráfico 7, onde percebe-se que o mês de maio costuma apresentar uma produção bem mais alta que a de abril, o que não aconteceu este ano. Adicionalmente percebe-se que a produção desse mês se mostrou menor que a registrada no ano anterior. A queda entre maio de 2017 e maio de 2018 foi de 1,7%.

Gráfico 7 – Histórico de produção de petróleo (em Mb/d)



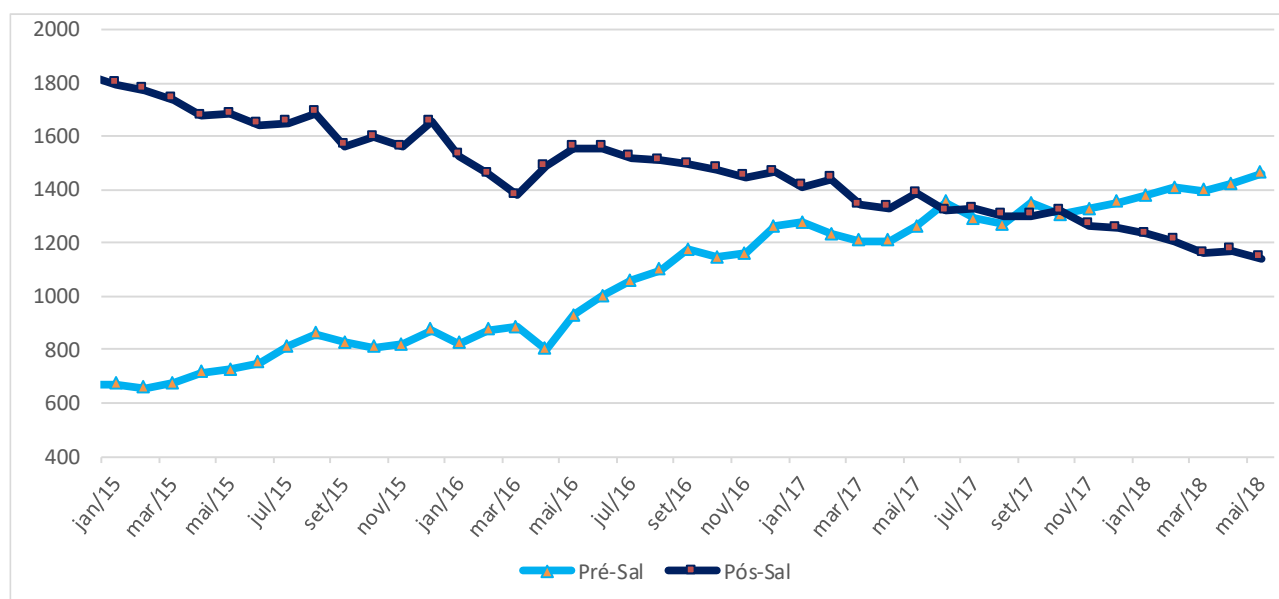
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

5.2 - Pré-Sal X Pós-Sal

No mês de maio de 2018, a produção nacional com origem no pré-sal foi de 1.463 MMb/d. Tendo 84 poços em operação, o resultado do pré-sal representa 56,1% do total produzido no Brasil. Em relação a abril, a extração nesses campos aumentou em 2,81%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,144MMb/d, o que equivale a 43,9% do produto nacional. Esse número reflete uma queda de 2,6% na comparação com o mês de abril.

Gráfico 8 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No Gráfico 8, podemos observar a trajetória de queda da produção do pós-sal e de aumento da produção do pré-sal. Este movimento se deve, principalmente, pelo grau de maturidade atingido nos campos do pós-sal, que são mais antigos. Por outro lado, a produção do pré-sal segue em crescimento e já apresenta resultados bem superiores aos do pós-sal, superando esses campos pelo sétimo mês consecutivo com uma produção diária maior em, aproximadamente, 300 mb/d. Cabe destacar, ainda, que a sustentação da produção nacional nesse patamar atingido nos últimos meses está diretamente atrelada ao resultado advindo do pré-sal, que vem compensando a queda da produção no pós-sal.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 95,5% do resultado no setor. De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 69,8% da produção nacional no mês de maio de 2018, com o somatório da produção dos outros quatro maiores estados representando 40,6% de sua produção total.

O Estado de São Paulo novamente contou com apenas seis (6) poços em operação no mês de maio, mesma quantidade que em março e abril. Esses poços apresentam elevado grau de rendimento,

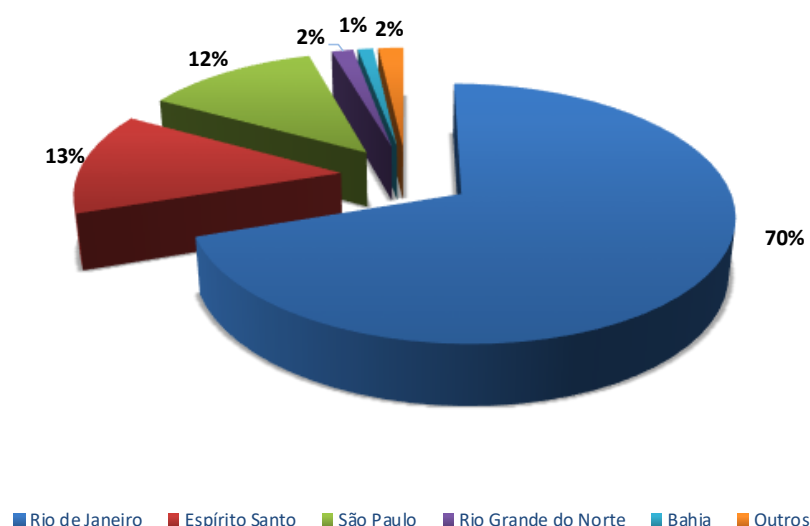
o que garante ao estado a posição de terceiro maior produtor do Brasil. O Quadro 1 e o Gráfico 09 trazem a posição relativa de cada estado quanto à sua participação no total produzido no mês.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO (em b/d)	Nº CAMPOS PRODUTORES	VARIAÇÃO Nº DE CAMPOS
Rio de Janeiro	1.819.938	39	0
Espírito Santo	345.632	47	+1
São Paulo	324.763	6	0
Rio Grande do Norte	40.543	80	+1
Bahia	28.856	85	+3

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

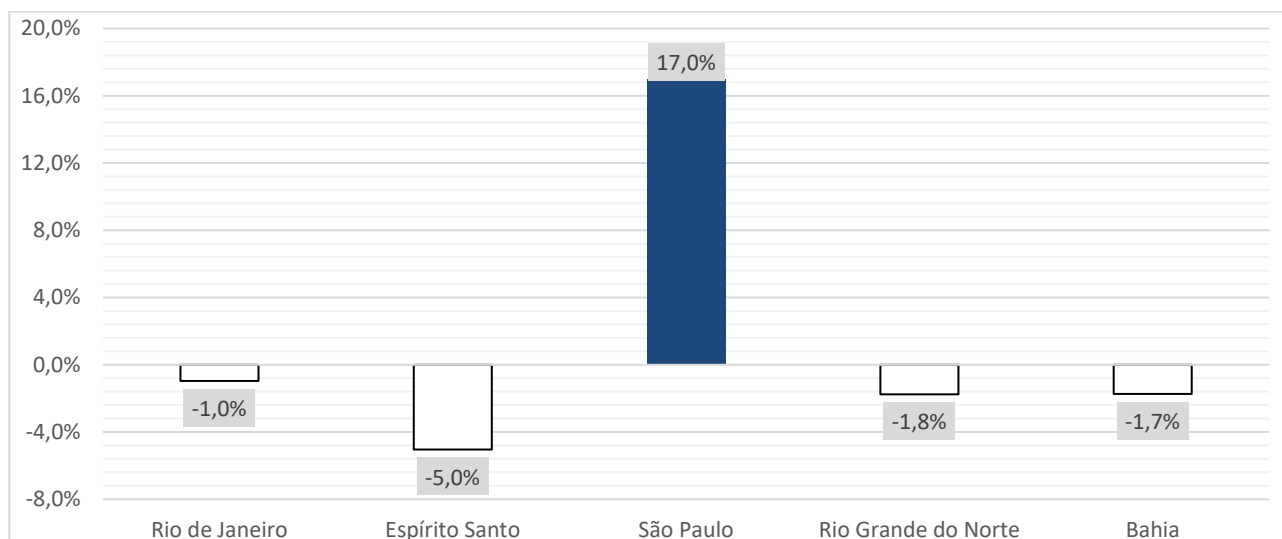
Gráfico 9 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No Gráfico 10, observa-se a variação percentual da produção dos cinco maiores estados produtores no mês de maio.

Gráfico 10 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A produção fluminense registrou uma leve baixa entre abril e maio, de 1%, algo em torno de 17,6 MMb/d. Mesmo com queda em sua produção, o Rio de Janeiro foi o estado com a menor redução percentual da produção de petróleo. O estado do Espírito Santo, cuja produção teve baixa de 5% na comparação mensal, sofreu uma queda maior em termos quantitativos, de 18,3 MMb/d. Rio Grande do Norte e Bahia também registraram quedas em seus níveis de produção, ainda que de menor expressão, totalizando uma perda da produção diária da ordem de 1.234 barris por dia. Por outro lado, o Estado de São Paulo registrou uma grande aumento em sua produção, de 17%, o que representa um crescimento da ordem de 47 Mb/d. Essas variações não podem ser explicadas pela diferença na quantidade de campos em operação em cada um desses estados entre os meses de abril e maio. São Paulo e Rio de Janeiro mantiveram a mesma quantidade de campos em operação e mostraram movimentações opostas. Os demais estados registraram aumento na quantidade de campos em operação e ainda assim registraram diminuição em suas produções.

5.4 - Bacias

As bacias sedimentares, de onde se extrai o petróleo, não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Atualmente, a produção nacional é oriunda de doze bacias, entre as quais se destacam a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia Potiguar – CE/RN; a Bacia do Espírito Santo – ES e a Bacia do Recôncavo – BA.

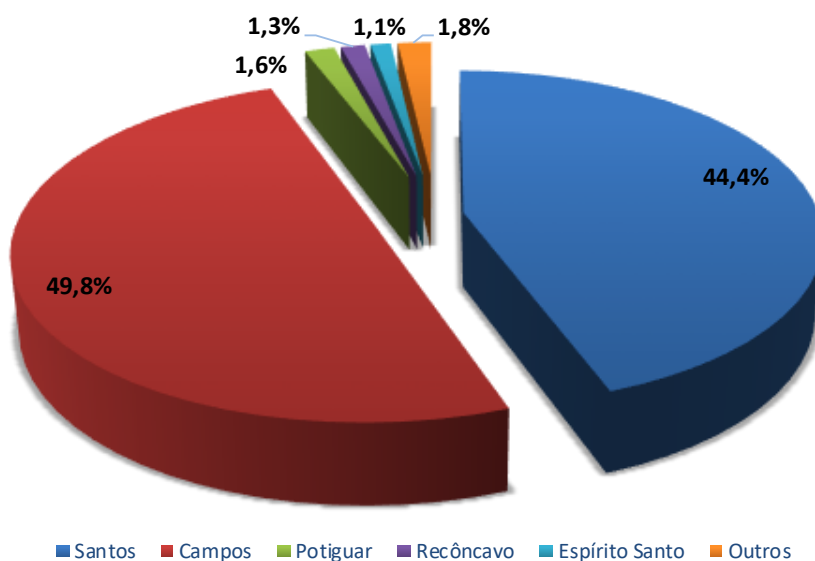
No mês observado, a Bacia de Campos e a Bacia de Santos representaram 94,2% da produção nacional, o que atesta a extrema concentração da capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 12 ilustram essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Santos	1.299.093	12	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Campos	1.157.559	41	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Potiguar	41.424	82	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	33.681	39	Espírito Santo
Recôncavo	28.440	79	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

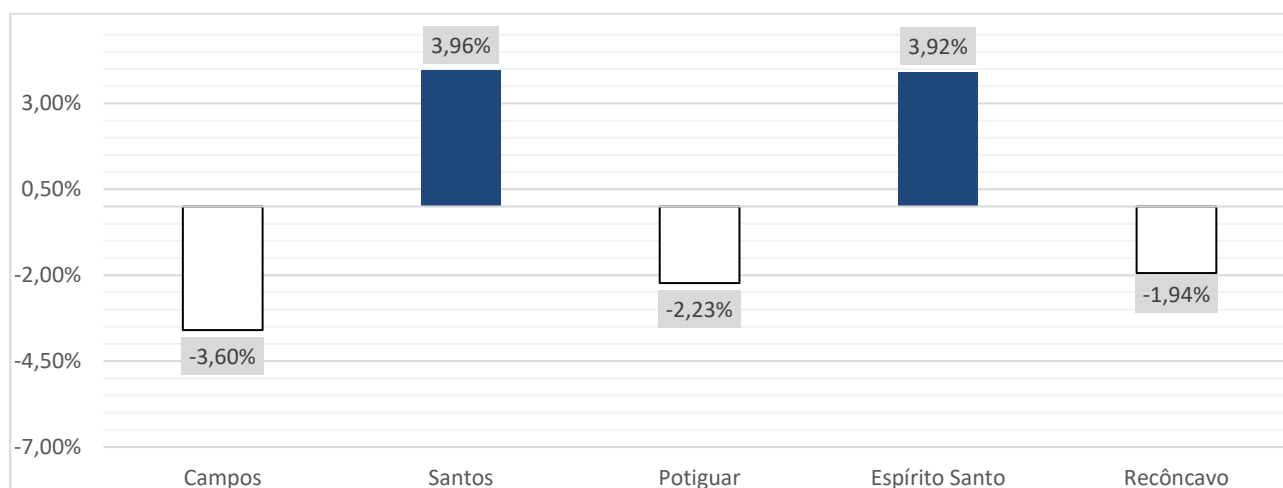
Gráfico 11 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,607 MMb/d, um aumento em relação à produção de abril. No gráfico 12 é possível observar a variação da produção de cada uma das principais bacias em maio se comparado com abril.

Gráfico 12 – Variação de Produção das Principais Bacias (abr18/mar18)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Em maio, duas das principais bacias apresentaram alta em sua produção, com destaque para a Bacia de Santos, que além de ser a maior produtora nacional, foi a que registrou maior crescimento mensal, mantendo a tendência de alta registrada no mês anterior. Operando com os mesmos 12 campos que no mês anterior, a bacia produziu, em média, 51,428 barris de petróleo por dia a mais em maio que em abril. A Bacia do Espírito Santo também registrou um resultado positivo no mês de maio, e continua se recuperando da queda registrada no primeiro trimestre. A contínua melhora do resultado dessa bacia se deve, em parte, pelo aumento da quantidade de campos em operação. A Bacia do Espírito Santo contou com a produção de um campo a mais que em abril, totalizando 39 campos em operação. Ainda assim, este número é menor que em janeiro e fevereiro deste ano, quando a bacia contou com 42 campos. Além disso, como a produção total nessa bacia é comparativamente pequena, o impacto no agregado nacional não é tão relevante, apesar de positivo. Mesmo registrando a segunda maior variação percentual, o acréscimo geral foi de 1.319 barris por dia.

A Bacia de Campos, a Bacia de Potiguar e a Bacia do Recôncavo registraram queda produtiva entre abril e maio, mesmo contando com a mesma quantidade de campos em operação no caso da Bacia de Campos e com acréscimos em Potiguar e no Recôncavo, que tiveram a participação de um e três campos adicionais, respectivamente. Como as bacias de Potiguar e do Recôncavo têm pequena participação no total da produção nacional, a diminuição de suas produções não causou grande impacto sobre o agregado sobre o total. Por outro lado, a Bacia de Campos é a segunda maior produtora e, assim, a diminuição de 3,6% em sua produção significa um decréscimo de 41,636 barris de petróleo por dia. A Bacia de Santos vem registrando uma tendência de queda em sua produção desde dezembro de 2017, ainda que em abril tenha registrado uma leve recuperação.

5.5 - Campos

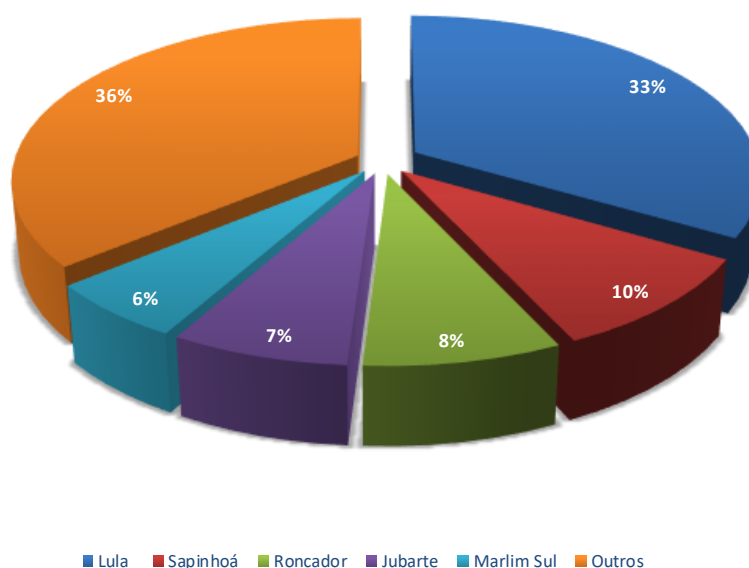
No que diz respeito aos campos, é possível destacar os maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos representam 64% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como segue retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	872	Santos
Sapinhoá	250	Santos
Roncador	208	Campos
Jubarte	187	Campos
Marlim Sul	151	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP.

Gráfico 13 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)

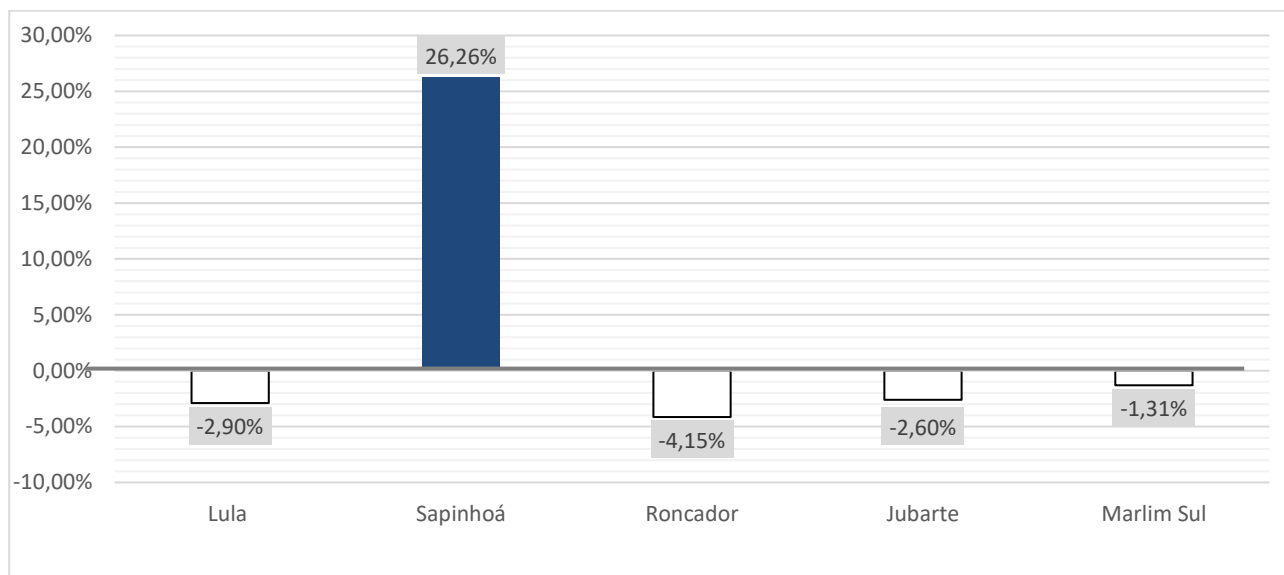


Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Campo de Lula, que é o maior produtor nacional, sofreu uma redução de 2,9% em sua produção entre os meses de abril e maio, algo em torno de 26 Mb/d a menos. Com isso, o campo produziu, em média, 872 Mb/d no mês de maio. Este campo é responsável por 52,2% da produção total entre os cinco maiores campos do país, ou 33,45% da produção total brasileira, e tem mostrado grande variação em sua produção, alcançando níveis recordes de produção em novembro de 2017 e fevereiro de 2018, com períodos de ajuste entre esses meses.

Conforme comunicado oficial da Petrobras, a queda da produção no Campo de Lula, na Bacia de Santos, foi causada pela diminuição da produção total das suas principais instalações. As FPSOs Cidade de Saquarema, Cidade de Angra dos Reis e Cidade de Mangaratiba registraram queda total de 34.868 barris por dia, enquanto que as FPSOs Cidade de Itaguaí, Cidade de Maricá e Cidade de Paraty produziram juntas apenas 7.228 barris por dia a mais que no mês anterior.

Gráfico 14 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, sofreu uma expressiva alta em sua produção no mês de maio, de 26,26%. Esse forte crescimento reflete o desempenho da FPSO Cidade de São Paulo, que teve um aumento de 99,18% em sua produção entre abril e maio. Em barris, isso representa uma mudança da média de 53.899 barris diários para 107.358 barris por dia. Ainda assim, este crescimento serviu para compensar quase totalmente a perda sofrida em abril, de 22,35%. O Campo de Sapinhoá produziu 250 mb/d em maio, retomando o segundo lugar entre os cinco maiores campos, posto que tinha perdido para o Campo de Roncador no mês de abril. Este último registrou uma queda de 4,15% em sua produção no mês de maio, que se deve em grande medida à redução da produção da plataforma Petrobrás 52, de 4.588 barris por dia, ou 5,16%.

O Campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, que seguia tendência de crescimento desde janeiro, sofreu uma redução de 2,6% em sua produção no mês de maio, uma vez que o aumento de 0,3% da produção originária da plataforma Petrobrás 58 não foi o bastante para compensar a perda de outras plataformas.

5.6 – Considerações Finais

A produção brasileira de petróleo apresentou leve crescimento após a queda sofrida em março. A produção total do mês de maio foi 0,4% maior que a de abril. Ainda assim, as expectativas são de continuidade da tendência de crescimento produtivo no país, impulsionado principalmente pela performance do pré-sal.

O Campo de Lula se mantém como líder absoluto entre os principais campos produtores, mesmo sofrendo queda em relação a abril, de 26 Mb/d.

Dentre os cinco principais estados, apenas São Paulo apresentou resultado positivo, com alta de 47.108 b/d, ou 17%. Esse crescimento, no entanto, apenas levou o estado à média recente, após sofrer uma forte diminuição de sua produção em abril.

A atividade nos demais estados registrou perda, o que explica o fraco crescimento na comparação mensal.

Glossário

MMb/d: milhões de barris por dia

Mb/d: milhares de barris por dia

Bibliografia

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Fernanda Felipe Moreira

Flávio Carramanhos Werneck

Flávio Silva do Carmo

Juliana Chaves Monteiro

Matheus Pinto Rebouças

Nicholas Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Priscila Ramalho do Valle Gonçalves

Rafael de Macedo Zappa

Teresa Luiza da Silva Dias